

A

**NOVA MÉNEDRA,**

**REVISTA**

**DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES,**

**LITTERATURA, E COSTUMES.**



**RIO DE JANEIRO,**

**TYPOGRAPHIA DE M. A. DA SILVA LIMA.**

**1846.**

# A NOVA MINERVA,

## REVISTA

DEDICADA ÀS SCIENCIAS, ARTES, LITTERATURA, E COSTUMES.

A NOVA MINERVA publica-se todas as semanas; contém cada numero de 16 à 20 paginas de impressão.

Subscreve-se mensalmente pela quantia de 4000 reis, no escriptorio da typographia, rua de S. José n. 8.

**INFLUENCIA DA CIVILISACÃO SOBRE A CONDIÇÃO DO HOMEM E DA SOCIEDADE.—VERDADEIRA ACEPÇÃO DESTA PALAVRA.**

Se as variedades da especie humana, como se tem dito, não tem igual grão de capacidade para adquirir liberdade, cada variedade particular tambem não desfructa de igual liberdade nas mesmas circumstancias. A liberdade de hum povo depende do progresso que he capaz de fazer; pois que na medida de sua capacidade, he mais ou menos livre a proporção que occupa hum lugar mais ou menos distinto na escalla da civilisação.

He tão sensivel esta verdade que nos parece não admittir a menor contradicção: sem embargo poucas ha que tenham mais opositores. Accusa-se a civilisação de arruinar os costumes, de envelhecer o caracter, de tender à dissolução da sociedade. ....

Examinemos hum pouco a idéa que formam a mór parte dos homens da marcha de sua especie, observada collectivamente. Exige-se que as congregações dos homens, as sociedades, as nações tenham huma infancia, huma virilidade, huma decrepitude como os individuos; porém ao passo que se julga que os progressos do seculo produzem effeitos inteiramente contrarios aos que produzem nos individuos, pensa-se que só aos individuos he dado adquirir sabedoria, à proporção dos annos; e quanto ás nações, sustenta-se que se desordenam á medida que envelhecem;

he cousa singular! dizem que na idade ca-duca he quando se deixam arrastar pelas maiores desordens, pelos excessos a que mais deveria suppor-se se entregavam na primeira idade da vida. Confessa-se que envelhecendo-se civilisam, porém dizem que a civilisação as debilita, que degeneram, em huma palavra, que tanto maior he o seu degeneramento quanto mais a sua civilisação.

Não he novo este processo contra a civilisação: a idéa de que a nossa especie degenera á medida que vai envelhecendo he quasi tão antiga como o mundo. Homero em seus cantos queixa-se muitas vezes a seus contemporaneos de haver perdido as forças dos heroes de Troya; e Plinio assegura que a estatura do homem he cada dia menor.

Se dos antigos passarmos aos modernos veremos que os escriptores de opiniões mais oppostas, dizem que a civilisação corrompe e faz degenerar os homens.

Diversamente se tem discutido á cerca da civilisação; porém nós procuraremos primeiro a sua definição, para nella basear as nossas idéas. Julgamos que a oppressão se vai tornando mais suportavel, porque as pessoas e bens são muito mais respeitados. Longe de tender a civilisação para o enfraquecimento do valor civil, elle se aumenta por isso que ao passo que nos dá mais illustração e dignidade, torna-nos mais sensiveis a injuria, e menos pacientes em toda a do-

minação injusta. Nossos avôs toleraram coisas que certamente não tolerariam os seus descendentes, e nós temos relevado outras que a nossos netos parecerão intoleráveis. Se em épocas tão modernas podemos cometer tantos desvarios e iniquidades, sem nos commover, a menor das quais teria excitado reclamações universaes, não he certamente porque tivessemos sido muito civilizados, pelo contrario nos faltava civilização, e a prova he que os mesmos excessos que a massa do povo olhava com indifferença, excitavam a indignação de certo numero de homens que estavam muito convencidos do mal que se fazia ao homem. Devemos pois crer que se a ilustração tivesse sido então mais geral, o publico não teria sido tão tolerante. Emfim para convencer dos efeitos da civilização relativamente ao valor civil, basta considerar a pecha que do outro lado se lhe põe, de fazermos difíceis de governar: tarefa que realmente não tem outro fundamento que o inverso, pois certamente nada se parece menos com o espirito de rebellião que o odio aos abusos politicos, e pode-se dizer que nunca a sociedade se apresentou mais leal e mais fiel como quando os progressos da civilização lhe tem ensinado a deffender o seu governo contra as ambições.

Porém dizem, as artes e sciencias nos enriquecem, e com as riquezas nos corrompemos. Outra preocupação. Não estranhariamos se isso se dicesse a respeito do sangue e das extorsões, pois que com efeito creio que as artes diversas com que o conquistador, o intrigante se apodera da fazenda alheia, pôde contribuir a pervertel-os ao passo que os enriquece; porém quem pôde atrever-se a attribuir o mesmo efeito nas artes uteis e verdadeiramente productivas? Guardemos pois de confundir os homens que trabalham, com esses intrigantes, o homem verdadeiramente industrioso, com esses usurarios sem alma, que folheam os annaes da chicança para beberem o sangue do infeliz necessitado. A verdadeira propriedade da ci-

lisação, como o indica a palavra, he inspirar idéas e costumes favoraveis à sociedade. Huma civilização que produzisse efeitos *anti-civis*, ou *anti-sociaes* deixaria de ser tal, por isso que seria huma causa inteiramente contraria à civilização, e dizendo-se que a *civilização tende à ruina da cidade*, he dizer huma causa contraditoria: a enunciação das palavras assaz o indica,

Porém, dizem, a palavra civilização se emprega particular e exclusivamente para designar a industria, as artes, as sciencias e riquezas, e que a propriedade da riqueza e de tudo o que a engendra introduz a corrupção nos costumes. A isto respondemos que aquelles que assim empregam esta palavra fazem mão uso d'ella, por isso que lhe dão hum sentido muito limitado, significando esta palavra todas as qualidades que nos tornam aptos para a cidade, e não huma parte d'aquelle que nos fazem sociaes; esta palavra comprehende os costumes à par da sciencia, e he absurdo dizer que a civilização nos forma para a sociedade sem dar-nos hum bom habito social, ou então depravando nossos costumes e inculcando as prejudiciaes à cidade. Não o entendem assim os que presam de ter idéas justas e completas della; e quando se dá a huma nação o titulo eminent de *civilizada*, não só se quer dizer que he rica, ilustrada e industriosa, como tambem, e principalmente, que tem bons costumes, que bem entende e pratica, melhor que outra, os preceitos da justiça e da moral, e que conhece quaes são as condições com que podem os homens viver felizes na sociedade.

Ainda mais: quando mesmo a palavra civilização não implicasse imediatamente a idéa de moral, não querendo exprimir senão a riqueza dos povos, seria ainda assim hum absurdo pretender que acarrete a corrupção nos costumes.

He certo que as artes suavizam os costumes, porem não que os corrompa. Se as acusam de enfraquecer o valor, de destruir as virtudes marciaes; ainda mais diremos, que

tendem a inutilizar essas virtudes ferozes dos povos conquistadores; ensinam aos povos o segredo de prosperar simultaneamente sem prejudicar homens aos outros; põe-nos em estado de poder se conservar, sem valer-se dos exforços sobrenaturais que os antigos povos guerreiros se viam na dura precisão de fazer, exforços cuja duração a humanidade não pôde resistir, virtude que se envelhece pelos obstáculos particulares com que tropeça, pelos riscos a que se expõe, e sobre tudo para o bom êxito que consegue, pelas utilidades que traz consigo, pela depravação que sempre he consequência necessária da fortuna adquirida pelo saque, e que quando chega a esgotar-se, já o povo de bandidos que no primeiro momento tinha condecorado-a com ar mendigo de grandeza se acha em hum estado de depravações e envelhecimento a que nada pôde comparar-se.

As artes, dizíamos, são prejudiciais à guerra, porém não prejudicam as virtudes guerreiras. Nada tem que seja incompatível com o valor, pois só mudam a sua natureza, e lhe dão um mobil mais puro; em vez de inflamar-se pelo latrocínio, enflamma-se contra elle; toda a questão se reduz em saber se o homem é tão susceptível de exaltar-se pela propria defesa como pela ruina de outrem, se só pôde ter ardor para opprimir e permanecer impassível contra a injustiça, e esta questão fica fóra de dúvida. A historia apresenta immensos exemplos de povos laboriosos e pacíficos, de povos artistas, agricultores e comerciantes, que se tem visto reduzidos a fazer a guerra pela imperiosa necessidade da defesa, e que tem-se sabido manter a pé firme ante seus opressores, ainda mesmo não adstrados como estes nas armas e na disciplina. As artes, longe de depravar o valor, parece que lhe dão maior nobreza e actividade: os gregos tinham mais industria que os turcos, e vejamos, de que lado se apresentou a intrepidez? Os franceses são muito mais cultos que os espanhóis: qual dos dois povos tem mostrado maior valor militar? jul-

gue-se pela ultima guerra. Se as artes pre-judicam o valor, o povo inglez deve ser o mais covarde da Europa, por isso que he o mais rico e o mais industrioso: sem embargo, o seu exercito que fez a primeira guerra de Hespanha, que se apresentou nos muros de Tolosa, que depois vimos em Waterloo, este exercito que a Inglaterra tinha provido tão abundantemente de tudo, de certo não tinha falta de valor.

Logo não se pôde dizer que as artes pre-judicam o valor militar, nem muito menos o civil. Se os povos à proporção que se civilisam parecem menos inclinados à resistência, não he por que estejam menos dispostos a sacudir o jugo, mas sim por que a civilisação lhes faz olhar para as commoções com horror e amam mais a tranquillidade que a guerra.

#### AS LITTERATAS E AS FOLHETINISTAS.

Não he o talento, he o abuso que dele se faz, o que nas eruditas condena a sociedade: não he a applicação, he a extravagância, que ella satyriza: não he a instrução, he a impropriedade de seus conhecimentos a que repugna.—Mlle. CAROLINA.

Quantos pensamentos preocupam a imaginação do escriptor ao contemplar essa physiognomia original em que se retratam as paixões da mulher, e as impressões do talento, o amor e o orgulho! A litterata de outr'ora pouco se importava de martyrisar o seu entendimento com as deduções philosophicas: era mulher que se distinguia por sua vã erudição e a sua pedante galanteria: era tal e qual como a desdenhosa dc—« *Não ha burlas com o amor* de Calderon, ou a *Leonor de O lindo* de D. Diogo de Moreto. Hoje pelas idéas que, como as modas, nos chegam iluminadas pelos artistas de Paris, a litterata contemporânea conserva o presumpçoso orgulho das *preciosas ridiculas* de Molière e a picante graça, e epigrammatica erudição das *calepinos* de Quevedo, tão airoosas e tão re-

*brisenses* de palavras que tinham mais nominativos que galões: he franceza na cabeça: americana no coração.

He pois a litterata, ou folhetinista dos nossos dias, alegre, viva, parleira provocativa e oportuna. Tantos atractivos tem huma moça quando reune a discrição á belleza! Ha huma interessante timidez maliciosa e huma resolução combatida nas suas maneiras; luta entre a idade e a reflexão! Ella baila, canta, lê, sabe de cõr esses contos de collegio que tornam-se epigrammas na sua boca, falla da república romana, e da guerra da independencia, pelas lembranças que lhe deixaram as suas lições de historia, disserta com humor academico sobre o amor e a gramática hespanhola e portugueza, segundo os conselhos de sua antiga directora, e seu moderno mestre, e recorda com habilidade as poucas figuras que lhe fazia traçar o professor de geometria ou geographia.

Esta rapariga, alegre, desembaraçada, torna-se em poucos dias calculadora e reflexiva com a contradicção d'uma mulher de genio, e a previsão d'uma mulher de talento.

E que magico poder tem mudado o coração desta formosa sylfida! O' que mão pesada tem dominado esta frivolidade que fazia inutil todo o exame? Ah! he a leitura trivial e presumçosa dos romances e o orgulho lisonjeado pelas primeiras impressões que tem recebido no grande mundo, na alta sociedade, onde se ama por calculo, e se caleula por amor. Esta menina he inconsequente por systema, e apathica pela resolução. Pobre gondoleiro que se crê seguro das tormentas, porque a sua barca he a inveja do golfo! Huma nuvem ligeira no horizonte conjurará as suas balatas de triumpho, cantadas diante d'uma sociedade que seduz com a obstinação do desprezo.

A pobrezinha tem começado a caminhar ás cegas por huma senda obscura e tenebrosa na qual se confundem as flores com os espinhos. Agora se separa com olhar indiferente de suas companheiras de collegio e percorre o jardim com semblante melancolico. Huma borboleta

a detem, huma sombra a espanta, huma avezinha amorosa do bosque a faz suspirar, causando-lhe inveja a sua preciosa liberdade! Interessante Emilio com capote e luvas de *Duvost*. A sua imaginação está dominada por esse vago espirito de sentimentalismo que, se fascina quando he produzido pela ternura e a sensibilidade, he pesado e insupportavel, se singidas paixões ensaiadas no toucador, o transformam n'uma eschola de namoração. Esta menina se propõe de buscar a solidão, e para ser consequente com suas amigas se apropria das exigencias da idade viril e participa ao mesmo tempo do bom e do mau de ambas as idades. He o embrião da virtude e do vicio. Poderá ser hum anjo ou hum demonio... porém sempre será hum anjo.... porque he mulher, porque he formosa, porque he discreta, e os homens.... se enganam a si proprios com hyperboles e metaphoras, graças ao sublime tratado do amor. As vivas impressões da folhetinista são habilmente desfiguradas, os seus desejos destramente contrariados e as paixões debilmente illuminadas pelo prisma, cõr morada dos desgraçados.

Em poucas linhas está perfilado o original deste retrato: se se trata de rir ou de zombar ella mesma se desenha ao exclamar com angustiado acento » oh! quem poderá como vós outras! » (estas vós outras são amigas que a acompanham), ou se se falla de amores ou de romances que em muito se parecem ella interrompe a todas dizendo—A lampada da fé se tem extinguido, e, como diz *Alincourt*, o amor he a fê d'uma alma a outra, a metade da fê religiosa. » Por esta mistura de indifferencia e de vaidade, por esta fuzão do ridiculo de ambas as idades, se adianta a indolencia e a amargura que na tarde da vida destroem lentamente o seu coração. Desde os primeiros annos de sua mocidade, quer duvidar dos sentimentos ternos e apaixonados, e segura no isolamento que hum dia acordará á voz das paixões, acha na sua imaginação bastantes forças para sostener hum passo honroso na sociedade. Correm

os annos e estes sentimentos que tinham sido a obra do estudo, de repetidos ensaios, crescem e se renovam, se a alma se costuma a estas vigilias desnecessarias, e a *comedia* se converte em costume e a illusão em realidade; prologo terrivel para huma tragedia ou *vaudeville*! pelo geral, para huma tragedia caseira. Abysmada nos proprios tormentos, que sahem de sua alma, como o disco luminoso que forma hum espelho, crê na amizade, e valem para ella mais do que hum bilhete perfumado ou huma declaração de amor as revelações que faz a sua intima amiga, em quanto lhe ensina o ultimo vestido que se tem feito á ultima moda de Paris. Ella duvida da amizade e desconfia do homem, porém crê no amor, e corresponde ao afortunado joven que oferece a seus caprichos huma alma e hum coração, outras vezes despreza a feia metade do genero humano, abandona os bailes e sarãos, deixa os theatros, não assiste aos concertos.

## HUMA MEDITAÇÃO NA BIBLIOTHECA PÚBLICA.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTECEDENTE.)

Desse ergastulo que captivas as continha por modo insolito, eu as via expandirem-se no espaço, avultando a vista sob aereas formas de hum cerneio diaphano. Semelhavam humano; seres, mas de eterea luz; o corpo vaporosamente organizado. Rutilavam como luminosos planetas, porém em vez de se emitirem unicolores reflexos, qual primas, despediam ao longe raios multicolorados, cujos matizes diversos constituiam systemas de ideias grupadas, parcelas que germinando-se da sciencia universal a seus varios ramos, vinham dar existencia a parte em relação ao actuar simultaneo da vida humanitaria.

Absorto, a final desta visão, comprehendi o enigma, pois que a todos estes entes que fantasicos me haviam parecido, para logo hum nome humano ante meus olhos lhe deu huma existencia real: bastando-me como caracteristico deste nome ver o reflectir de suas ideias em relação a concepção que

da sciencia haviam feito Poetas, Philosophos, Geometras, Astronomos, Estadistas, Philologos, Publicistas, Theologos, Moralistas, Phisiologistas, Historiadores: eu vi para elle, como em ovacão, virem-lhe ao encontro, acolhendo-o em seu circulo como hum dos flores mais bellos da aureola da intelligencia humanitaria.

Era huma verdadeira apotheose!...

Quantos nomes celebres ahi congregados! O tempo me faltaria se a todos quizesse enumerar. Anaxagoras, Platão, Aristóteles, Heraclito, Hippocrates, Zeno, Homero, Sophocles, Eurípedes, Eschilo, Demostenes, Herodo, Tacido, Strabão, Seneca, Cicero, Virgilio, Horacio, Tacito, Tito Livio, e Plinio, notabilidades dos pagãos de antigas eras, eis os primeiros que do cortejo rompem a marcha.

Mais além do christianismo vinham os proselitos, que primeiros ás letras se haviam consagrado. Tertuliano, Lactancio, S. Justino, S. Irenéo, S. Agostinho, S. Gregorio e S. Jeronimo, apoz dos modernos e da media idade, entre outros os mais famigerados. Ali Abeillard, Alucino, Alberto, o Grande Pico de la Mirandola, Paracelso seguidos do Petrarcha, Sanches Soares, Barros, Montaigne, Rezende, Dante, Camões, Ariosto, Tasso, Milton, Shakespeare, Driden, Gil Vicente, Calderon, Vegas, Cervantes, Galileo, Verney, Tycho, Brahe, Hepler, Torriceli. Emfim caudilhados por Bacon luminares da moderna literatura Loke, Gassendi, d'Alembert, Condillac, Rousseau, Voltaire, Hobbes, Herder, Hemeter Huis, Hume, Gibbon, Bonet, Smith, Dogald, Stewarts, Reid Molière, Beaumarchais n'hum grupo, n'outro Descartes, Malebranche, e Spinoza, Newton, Bossuet, Massilon, Bordaloue, Fenelon, Racine, Corneille, Bufon, Santa Rita, Durão, Basilio da Gama, S. Carlos, Silva Alvarenga, Pope, Corrêa, Francisco Manoel Leibnitz, Wolf, Tiedmann, Alexandre, Gusmão, Hant, Jacobi e afinal Laplace Couvier, Benjamin Constant, Fourrier Broussais, Sampaio, Caldas, Frei Francisco de S. Luiz, Sismondi de Sismondi, Casimir Delavigne, Soumeth, Nedier, Royer Collard, Jacotot e Haneman.

Embevecido me engolfa nesta divina ex-

tase em que anhelante mel lidava o pensamento em hum aflux de idéas. Visos de hum querer quasi semalvedrio me ressumbravam da mente, porém eram tão só assomos sem flichto, que neste estrear de venturas inefaveis que sobrepujavam tudo o que humanamente imaginar-se pode, alvitre me não era dado mais do que para fruir.

Minha alma se deslisava pois por este esteiro de delicias, cujo paradeiro difícil lhe seria atingir anciosa cubiçando ouvir os coloquios, esta phalange de videntes que ao passo lhe iam.

Palavras quaes sempre lhe tinha ouvido, doces como o mel das abelhas do Híbla de seus labios que se desarravam, já me pareciam despartir-se, eis se não, quando douz estridentes tangeres de relance retumbaram por junto a mim. Tão a subitas appanhado, cahi como do céo a terra, cruel desillasão me tranzio do consternado coração arripió mortal, calando-me pelas arterias nervos e ganglios, confrangendo-me como se tetanica convulção os houvesse percorrido. Ergui-me.... tinha despertado.... a visão se havia esvaecido....

Na mesma erma sala me acbei de novo, só como tinha ficado.... só.... sua cadeira estava vasia....

Eram duas horas, eis o que tinha acabado de soar nessa pendula que prescreve ao pensador o momento de dar treguas ao lidar do espirito, e que lhe recordam que nelle ainda ha materia, e que vive em hum mundo positivo.

Duas horas, elles se repercutiram então em meus ouvidos como se fôra o clangor da trombeta do juizo final, seguido do fragor medonho do desabar dos mundos embatendo-se em tremendo cataclysmo para se tornar o universo ao cahos, para que o presente, o preterito e o porvir, como antes do que foi, se constituíssem huma e mesma causa.

Sim: porque então todas as minhas idéas se refundiram n' huma recordação de dor; meus ouvidos de novo escutaram o funebre dobrar de huma campa de finados, elles de novo ainda se sentiram alvindos pelo vibrar da voz desse bardo cantor de huma natureza virgem quasi impoluta da mão do homem. Desse bardo digno

emulo dos runicos vates dos Edos, dos Sagas, dos Nieblungens e dos Scaldes, rival mesmo de Ossian, se em vez de seus poeticos rhithmos celebrarem estereis alcantiladas plagas sob hum ceo brumoso toldado de floaclosos véos de eternas nevoas ou de Fingal a magica gruta, erguendo seus peristilos sobre cristalinas e rochosas colluninas de Stalactites e basalto, elles não decantassem de viridantes abebadas marchetadas como em matizado mosaico por myriadas de variegadas flores, colosal templo, elevado pelos séculos ao Eterno na terra de Santa Cruz, sobre as Titanicas vertebreas do dorso desse descomunal gigante, que por mil legoas estende os lassos membros e retorcendo-se, volvida a cabeça ainda dorme, mas o ceo encara, mergulhando a hirsuta grenha nessa grande obra do atlantico que Nicerohy se chama meu Deos. Sem de novo ouvir essa voz do bardo dos Brasilianos que, em seu fallar de despenhar de catadupa dizer infrene como o ginete de Mazepa arremessando-se desgrenhado a crina calido fremito pelas narinas resfolgando por sobre alpestres penedias ao travez das boneais florestas dizer que annunciava ao Brasil que era morto Januário da Cunha Barbosa!...

Cahi em joelhos e orei. *L. A. de Castro.*

## VARIEDADES.

### PARTICULARIDADES DA VIAGEM DO IMPERADOR

NICOLAO NA ITALIA. — A SUA ENTREVISTA COM O PAPA.

Pelas folhas ultimamente chegadas da Europa temos as seguintes interessantissimas notícias.

O Autocrata da Russia, o imperador Nicolao chegou a Florencia as nove horas da manhã, acompanhado pelo conde de Ortoff. O grão-Duque fez-lhe preparar o palacio de Pitti, porém o imperador desejando conservar-se em caracter de *incognito*, foi a hospedar-se no hotel *d'Italie*. O grão-Duque se apresentou no hotel as nove horas a oferecer seus respeitos ao imperador, mas este

estava dormindo e o Duque teve de voltar para sua casa sem vel-o. Duas horas depois o Duque mandou o seu grão-mestre de ceremonias pedir ao imperador que aceitasse huma comida na corte. O imperador recusou aceitar toda a invitação e honras, porém manifestou o seu desejo de jantar privadamente com a familia do Duque. O imperador foi tambem à casa do principe Paulo de Wartenburgh, porém, sem dignar-se entrar nas suas habitações, inscreveu sómente os nomes do conde Ortoff e do general Romanoff. Em Roma teve o imperador duas entrevistas com o soberano pontifice. Na primeira tinha este sobre sua mesa dois *ulkases* publicadas pelo imperador que o pontifice pedio fossem revogadas. Estes dois *ulkases* não só privavam ao poder civil de toda a intervenção a respeito da jurisdição dos assuntos religiosos das comunidades christianas na Russia, e investia o clero grego, russo com esta jurisdição, mas sim conferiam a aquelle corpo o direito, sem appellação, de applicar as penas em matérias contrarias aos *ulhases* de Catharina II, e do imperador Alexandre. A linguagem do pontifice para com o Czar foi firme, affeçoadada e severa, porém profundamente melancolica, e diz-se que fez huma forte impressão no animo do imperador. Ao despedir-se este do soberano pontifice recebeu delle hum ofício em que estavam expostas todas as queixas da Santa Sé contra o chefe da religião grega. Com quanto o imperador despregou huma grande generosidade em Roma, comprando muitas estatuas, pinturas, mosaicos e dando esmolas avultadas a muitas pessoas e familias, a povoação de Roma o recebeu com summa indifferença e frialdade. Especialmente no seu passeio de Pincio, onde a sua carruagem seguia as fileiras da equipagem, não foi comprimentado com nenhuma aclamação, nem mesmo os pedestres tiraram os seus chapeos. Esta conducta do povo romano encheu de assombro ao imperador. Devia este sahir no dia 21 para Veneza por via de

Bolonha, onde passará hum dia para continuar a sua marcha directamente para Vienna. Por huma prudente precauão as equipagens do Czar estão divididas em dois trens que partem a diferentes horas de distancia huma de outra por diferentes caminhos, sem que mesmo as pessoas de sua comitiva saibam por qual caminho nem em que carruagem vae o imperador. *O Univers* publica a seguinte carta, datada em Roma, a 18 ultimo: Hontem 17 o imperador da Russia se despedio do Santo Padre, e a meia noite deixou Roma. Torno a dizer que durante a sua entrevista com o imperador da Russia, o papa, respondendo ao Czar ao que lhe dissera a respeito das leis pelas quaes era governado o seu paiz, lhe diz. Estas são leis humanas e vossa magestade pode revogal-as: eu reclamo esta revogação em nome das leis divinas. Nós ambos somos soberanos, porém com esta diferença, que vós podeis mudar as leis de vosso imperio, com quanto eu não posso alterar as minhas. Ambos nós temos que apresentarmo-nos perante o juiz Supremo, e eu mais cedo que vossa magestade; porém vossa magestade virá apoz mim e ambos teremos que dar conta de nosso governo. Esta idéa me impõe o dever de defender a meus fieis filhos que vivem nos estados de vossa magestade. O imperador se mostrou summamente impressionado a estas palavras, apertou fortemente as mãos de sua Santidade que as beijou affeçoadamente, e se despedio promettendo obrar segundo os desejos do pontifice.

— Huma carta de Roma no *Constitucional*, diz. « Está se tratando de canonizar a finada princeza Borghese, filha do Earl de Shrewsbury. Os que promovem esta elevação são o povo de Roma e a princeza Adela Borghese, sogra da finada. A familia Borghese tem reunido já 100,000 scudi para fazer as despezas dos cargos da ceremonia. » Teremos pois que aumentar huma santa mais nos nossos calendarios. Quanto pôde o dinheiro! Até pode-se chegar a ser santo com-ele!

— M. U. H. Polk irmão do presidente dos Estados Unidos, se acha em Paris, donde partirá para Roma e Nápoles com o carácter de enviado extraordinario da União, a fim de conseguir as ratificações d'hum tratado de commercio e amizade ultimamente concluído entre o seu governo e o reino das Duas Sicilias.

O embaixador de Marroco chegou a Paris, e fez a sua residencia n'uma espacosa e formosa casa situada nos *Champs Elysées* perto do *barriere de l'etoile*, que tinha sido alugada pelo governo francez.

— *O Augsburgh*, gazzete, diz: que em quanto o imperador Nicolão esteve em Roma, em hum de seus passeios, huma senhora polaca se arrojou a seus pés e pedio-lhe que se dignasse chamar a seu filho da Siberia, onde tinha sido deportado. A sua supplica foi concedida.

— O celebre chymico Sieleig tem sido criado barão pelo grão duque Darmstadt. Repetidos exemplos dão a Europa á America das honras com que recompensa o saber e o talento!

#### DAS MARÉS.

Ao movimento que fazem as agoas quando se vão elevando, *chama-se enchente*; e quando chegam ao termo de sua maior elevação, diz-se que está *praia-mar*, ou que a maré está cheia, e neste estado se conserva por huns 15' de tempo, depois dos quaes começa a descer, a esta acção, *chama-se rasante*, e quando chegam ao seu maior descenso (em que as agoas demoram-se por huns 30') diz-se que a maré está *vasia*, ou que he *baixa-mar*, também se *chama fluxo* ou assenso das agoas, à enchente (ou maré entrante): *refluxo* ou descenso das mesmas, à vasante (ou maré saliente) no intervallo de 24<sup>h</sup>, 50', e 47', ha 2 enchentes e 2 vasantes.

Em hum canal estreito e de alguma extensão, quando as agoas se vão elevando, entram simultaneamente pelas duas gargantas e affluem pouco mais ou menos, no meio do canal; por isso se observa ao mesmo tempo, *duas correntes oppostas*, julgando-se por esta causa que a maré *vasa e enche juntamente*, por ser contrario ao que se nota em hum rio.

Todos estes diferentes estados do mar, são representados com o nome geral de *marés*, nas quaes se notam humas maiores do que outras (conforme as causas que adiante veremos); chamando-se *agoas vivas*, aquellas em que a sua elevação, he mais consideravel e *agoas mortas* quando a diferença das alturas, he pequena.

#### CONFORMIDADE DOS MOVIMENTOS DO MAR, COM OS DO SOL E LUA.

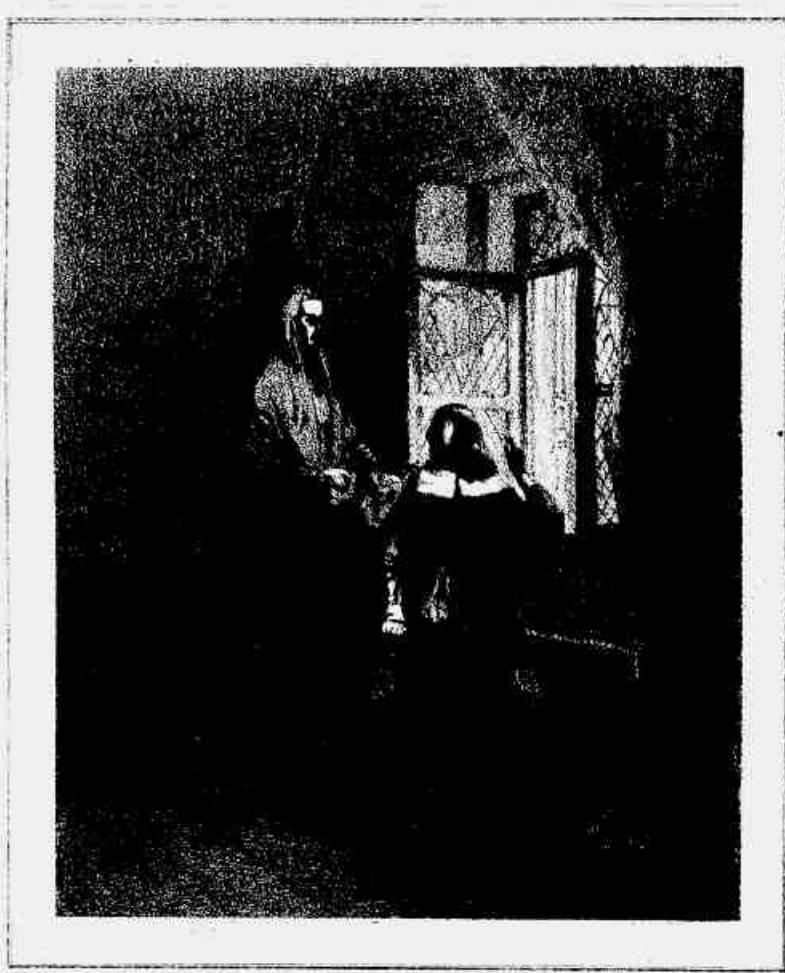
Tem-se reconhecido que ás marés são dependentes dos movimentos do sol e lua, porque a *retardação media das marés*, he inteiramente igual á retardação media da lua, a respeito do sol = 50', 47, pela maneira que vamos explicar, que he até ao presente a mais seguida.

Sendo a attracção entre a terra e os planetas na razão directa da massa, e inversa dos quadrados das distancias; e distando a lua, na sua distancia media do centro da terra, 59, 9 semediametros terrestres, e o ponto da superficie da terra mais proxima á lua deve distar 58, 9, e o mais distante 60, 9; he claro, que estes tres pontos da terra estando em diversas distancias da lua, tambem deve ser mui diversa a força com que ella os attrahe, pois cresce a força da attracção, a medida que diminue os quadrados das distancias.

Se no centro da terra a attracção vale  $60 = 360$ , á attracção do ponto mais proximo valerá  $59 = 348$ , e no ponto mais distante chegará a valer  $61 = 372$ ; ora attrahindo a lua estes tres pontos da terra em linha recta, com forças mui diferentes (as quaes são com pouca diferença como 36 no centro, 33 na face proxima e 37 na remota), necessariamente os ha de separar entre si, e por isso as agoas que ficam mais proximas á lua, em virtude da sua attracção, devem affastar-se do centro da terra, por esta causa se tem a maré cheia, e pela mesma razão sendo mais attrahido o centro da terra dos que as agoas que lhe ficam mais distantes, segue-se que esta diferença de attracções, deve separar essas agoas do seu centro, e com isto se tem outra maré cheia: sendo huma das enchentes originada pelo efecto da maior proximidade da lua, e a outra pelo seu maior afastamento. Eis a causa porque ha praia-mar em lugares oppostos, e por conseguinte deve haver huma grande falta d'agoas, ou baixa-mar, nos lugares que ficam em quadratura com estes pontos.

*Continua.*

# MISTERIO DE FAMILIA



Aut. M. 10. 10.

Arch. G. H. 10. 10. 10.

Anda nō quer te amar  
He éz et et et de luna voz ruiva  
Anda nō quer te amar

# OS MYSTERIOS DE FAMILIA

ROMANCE COMPOSTO POR

UMA SENHORA BRASILEIRA.

(CONTINUADO DO NUMERO ANTECEDENTE.)

Huma noite sentia-se melhor, porém a ausencia de seus beneficios o inquietava; eram onze horas e nenhum delles apparecia desde a huma hora da tarde; nenhum rumor se ouvia, e elle hia pouco a pouco cedendo ao sonno quando hum ai o despertou: applicou o ouvido; tudo estava silencioso, pensou ter-se illudido, novo ai mais pungente o advertio de que sua bemfeitora soffria, escutou, repetidos ais, que indicavam sofrimento maior, lhe despertavam hum sentimento de gratidão, a que fora vergonha resistir: levantou-se; tomou hum gavão de pescador, que estava sobre seu leito, e caminhou com malseguros passos para o interior do seu pobre azylo.

Apenas tinha aberto a porta, a escaça luz de huma candeia o obrigou a cerrar os olhos e a não avançar mais, nisto huma voz lhe brada

« Imprudente!... »

Estremeceu, abrio os olhos, e suas primeiras vistas encontraram seu bemfeitor.

— Que he isto senhor?

§§ Retirai-vos.

Ha huma scena de que não devia ser espectador.

— Antes que vos obedeca, dizei-me que tendes nos braços?

§§ Hum filho sem pai.

— Quanto he desgraçado!

Eu o sinto.

Pôde ser que eu tambem já seja orphão...

Senhor, eu comprehendo a scena mysteriosa que se representa agora...

Perdoae a minha ousadia.

Vós sois tanto mais credor á minha gratidão quanto mais vos haveis empenhado em occultar quem sois para me negar a consolação de vos ser agradecido... mas perdoai-me, vos repito, que eu ouse offerecer a este innocent o que a vós devo, quanto sou, quanto valho.

§§ Elle assim como nós não pôde aceitar a vossa offerta.

— Desgraçado!

§§ Desgraçado porque he orphão.

— Que desventura maior!

Seis mezes ha que eu soffro essa falta irremediavel; desde o dia fatal do meu casamento nunca mais vi meu pai, que vendo que havia sido, bem que indirectamente, o motor da minha infelicidade, como hum louco desapareceu.

Ah! se elle souber que a outra victima succumbio, eu ficarei sem pai, se o não perdi já.

— A estas palavras entrecortadas com suspiros Augusto se retirava; quando o velho tomando-lhe a mão lhe disse.

§§ O primeiro de nós que encontrar vosso pai repartirá com elle este penhor de amizade.

— E passando-lhe o braço tremulo por cima do pescoco, abraçou-o com vehemencia.

Augusto correspondeu a este signal de amizade, mas o innocent menino, ainda não acostumado a estas scenas edificantes chorou; o velho como quem dispera disse com entusiasmo.

§§ Senhor como deve chamar-se este innocent?

Eu quero conduzil-o ao gremio da igreja.  
Consentireis em dar-lhe o vosso nome?

— Com muito prazer.

§§ Como vos chamais?

— Augusto d'Esterben.

§§ Chamar-se-ha pois Augusto Julio...

— Julio?

§§ Pois não?

— Amei huma encantadora mulher que se chamava Julia....

Eu a perdi para sempre.... e quando começava a conhecer quanto era digna do meu amor.

Eu a perdi, e com ella toda a minha felicidade.

Cedendo ás sugestões de huma mulher perigosa, dei pouco apreço á ventura, que já gozava, por imaginar que a riqueza era quanto bastava para ser feliz.

Fui insensivel ás lagrimas de minha amante, porque a ambição, e ainda mais o despeito me cegavam, desposei-me com huma senhora rica, mas que não me amava: e por esta acção deshonrei-me aos meus proprios olhos; afastei de mim para sempre a paz e a felicidade: e cavei a sepultura d'aquelle infeliz, que eu tinha seduzido, que tornei desgraçada, e em cujo amor eu cego não vi que residia toda a minha ventura.

§§ Então acertei; porque o nome deste infeliz suavisará no vosso coração a dor que deve produzir essa perda irreparável.

— O nome deste inocente será para mim o facho inextinguível do remorso....

§§ Não hade ser assim.

Tereis coragem bastante.

Eia pois, tomai-o em vossos braços, seja elle para vós o que devera ter sido essa Julia, que perdesteis; seja o mais precioso objecto, o vosso Augusto Julio d'Esterben....

— Oh não!

O meu appellido não pôde ser-lhe dado.

— Respondeu Augusto com precipitação, restituindo o inocente menino, que acabava de beijar.

O orgulho predominava neste coração sobre todos os objectos.

Tinha comprehendido que seu nome era pedido para hum filho natural, e seu amor proprio não consentia neste emprestimo: entretanto não tenho tido pejo de haver seduzido a credula Julia, para a qual, como dizia, tinha aberto a sepultura.

§§ Socegai, senhor.

— Respondeu-lhe o velho.

§§ Ninguem mais saberá seu nome.

— Neste momento a escaça luz da candela se extinguiu; huma robusta mão, posto que já tremula, guiou Augusto para seu aposento, e tudo reverteo ao silencio.

O resto da noite passou Augusto sem poder conciliar o sonno; a seus ouvidos soava aquella terrivel palavra. « Imprudente » e tanto a voz de quem a pronunciara como a d'aquelle velho mysterioso lhe não eram desconhecidas, posto que manifestamente contrafeitas.

Lembranças vagas do passado, ora fagueiras, como se presentes ainda fossem aquelles bellos dias da juventude, ora tristes e amargas tocando a realidade de huma perdida ventura, que não mais voltará, seu coração dilatava ou comprimiam alternativamente, e assim o privaram de repousar todo o resto da noite.

Despontou a aurora, e a seu influxo não pôde então resistir, adormeceu, e quando se desprendeu de enganadores sonhos era já meio dia e junto delle seu velho amigo resonava, sentado, com os braços encruzados, e a cabeça inclinada sobre o peito.

Augusto julgou oportuna a occasião de conhacer aquelle a quem tanto devia, ergeu-se, e querendo abrir a porta para, com o auxilio da luz que deixaria penetrar, ver se reconhecia seu bemfeitor, mal tinha dado hum passo

§§ Imprudente!

— Lhe grita o velho.

Esta voz foi hum raio, não era contrafeita, Augusto o reconhece, e suffocado pelo prazer cae nos braços de seu pai.

Que instantes deliciosos se passaram!

Não foram d'esses momentos que tão promptamente se varrem da nossa imaginação; foram dessas emoções, que não podem descrever-se, que nem todos são capazes de sentir.

Sentaram-se a par sobre a cama; e quando as lagrimas e soluções deixaram soltar algumas frases entrecortadas, Rodrigo disse a seu filho

§§ Ora pois: conseguiste descobrir o meu asilo; mas he necessário que ninguem mais o saiba.

— Meu pai dignai-vos acompanhar-me, ou permitti que me não separe de vós.

§§ Não.

Tu já me não pertences; hez marido, hez dono de huma casa, occupas na sociedade hum lugar distinto, e a sociedade e tua familia requerem tua presença.

Vai meu filho, volta para tua casa; supposta a tua sorte, e lamenta a minha cegueira, que te induzio a commetter huma acção menos digna que te fará desgraçado por toda a vida, e tornará meus ultimos dias hum tempo de expiação horrivel.

Prasa a Deos que ella baste para remir-me de minhas culpas.

He necessário que vás cumprir os teus deveres, e que eu acabe isolado o resto de huma vida dissipada.

— Vós fostes sempre honrado; porque sujeitar-vos a tão dura penitencia?

§§ Enginas-te Augusto, eu fui hum perverso, e todo o castigo he leve.

He desgraçado por minha causa; e não hez tu o unico filho que me deve a desventura: não tive pejo de dar vida ignominiosa a quem tive vergonha de lavar dessa ignominia.

Amor deu-me huma filha; a honra fez-me infanticida, ou ainda peior, abandonei essa inocente, que antes houvera sido a motora da minha infelicidade, que he causa agora dos meus remorsos.

Desgraçada!

Terá findado seus dias na miseria: eu devo acabar da mesma forma.

— Não tendes certeza da sua existencia?

§§ Huma mulher, que me fascinou a pon-

to de me fazer esquecer todos os meus deveres encarregou-se de sua educação; e desde esse instante perdi minha filha.

— Pois não vos deu conta?

§§ Dispoz della como se fora huma escrava, entregando-a na idade de onze annos a huma familia estranha, que nunca me foi dado conhecer.

— E vós, senhor.

— Interrompeu o outro velho.

— Vós conhecestes essa familia?

— Sim, senhor: era a familia de Milord Stington.

— Que horror, meu Deos!

— Conheceste-a vós?

— Calai-vos!... ou eu não terei coragem para ouvir mais.

— Por mais de dez minutos apenas se ouviam suspiros profundos; depois huma voz rouca e tremula se fez ouvir.

— Continuai.

Pensei que seria tão corajoso que vos não interrompesse....

Mas não estava preparado para tão violento golpe....

Continuai senhor.

— Eu tinha aproveitado esses poucos instantes de silencio para ver que efeito havia produzido aquella revelação que a mim proprio surprehendia.

O rosto daquelle velho mais altivo, que ouvia esta interessante historia tinha-se tornado horrivel, suas palpebras em extremo abertas, ainda que as não podia eu ver senão de meio perfil, não parciais cobrir-lhe os olhos, porque estes houvessem fugido para o fundo das orbitas, os cantos da boca tinham ficado arredondados e os labios lividos e convulsos; era horrivel: entretanto a posição daquelle que narrava esta historia indicava tranquillidade de espirito, e segurança de conseguir o que pretendera.

Elle continuou calmo.

— Nenhum signal pôde haver por onde seja reconhecida minha irmã?

§§ Eu lhe tinha dado o meu retrato no

primeiro e ultimo dia em que festejei seus annos, porque então me havia ligado a quem lhe tinha dado a existencia, à mulher mais digna e mais desgraçada...

—Copiosas lagrimas regaram as longas barbas do ancião: seu filho as enxugou cuidadoso, e descuidado das suas que não eram menos abundantes.

Alguns momentos depois continuou Rodrigo.

§§ Era o decimo primeiro anno que contava... era o primeiro dia em que podia sem pejo pedir-me que a abençoasse... eu... eu a quem o Ceo ja tinha excluido... foi a derradeira benção... foi talvez tão fatal como o anathema...

—Por compaixão meu pae, não vos entregucis à dor.

Eu tenho esperança de encontrar minha irmã.

§§ Debalde te cançarás, essa mulher des humana occultou de tal forma o segredo de sua existencia, que nem mesmo hoje ella poderá descortinal-o.

He verdade que a minha esigie poderia ser-lhe útil: mas como se tinha hum friso de diamantes que tanto desafiavam a cobiça dessa fatal mulher?

Foi-lhe talvez roubada, e como he crivel que tivesse a condescendencia de ceder á miniatura?

Não o creio, he impossivel.

—Mulher perversa!

—Murmurou Augusto.

§§ Não te compete exprobal-a.

—Repplicou Rodrigo com a expressão de quem repele hum insulto feito á pessoa que mais ama: e passado hum momento de reflexão com a melancolia do condemnado que reconhece o seu crime.

§§ Sou tão fraco ainda, que não posso consentil-o...

Essa mulher tem sido o meu má genio....

Ella quanto pôde obstou a meu casamento com tua mãe e não sei, não me atrevo a pensar que ella fosse a causa immediata da morte

dessa infeliz; ao menos a causa remota, ella o foi, e vez tu meu filho, não posso consentir agora mesmo, agora que o remorso me está ralando o coração, agora que te vejo ser infeliz, e termos tornado infelizes mais tres inocentes criaturas, ainda não posso ouvir tão justa declaração.

Vê como vivo fascinado!

— Augusto distraindo seu pae lhe respondeu.

— Vós me concedereis que indague se ainda vive minha irmã.

Obrigado.

Muito obrigado, meu filho

E não temes perder metade dos teus bens, que hão de reverter em seu beneficio?

— Eu quizera perder quanto possuo; eu lhe sacrificaria de bom grado metade de minha vida que ainda a outra metade me pesará bastante.

§§ E se tiveres filhos hão de elles ficar sem pão?

— Ah meu pai, eu nunca os terei?

— A estas palavras algumas lagrimas banharam as faces de Augusto.

— Dizei-me vós senhor.

Elle estava com effeito convencido de que nunca teria filhos?

— Felizmente, elle tinha toda a certeza.

— Felizmente!

— Deixai-me continuar.

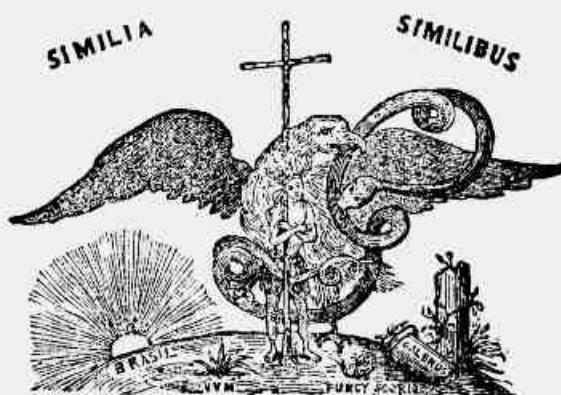
— Depreça, meu amigo, o fim dessa narração.

— Oh! se fosse mentira o que me dizeis, mil mortes.... e huma só vida não bastava.... mas se he verdade.... Leonor.... educada por Lord Stington.... Leonor, esposa de Augusto.... e felizmente, dizeis vós, Augusto tinha toda a certeza de não ter filhos..., e hum juramento sobre o corpo, e pelo sangue daquelle que ella julgara moribundo, e que vivera por condemnação.... hum juramento de mulher.... sagrado.... cumprido religiosamente.

Continuai: continuai, que de vossos labios pendem vida e remorso, ou morte e maldição...

(Continua)

## O GLOBO.



## NOTICIAS SCIENTIFICAS.

## O MATERIALISMO EM MEDICINA.

Nunquam procrastinandum!

## ARTIGO I.

*Influencia das idéas materialistas na pratica da medicina.—A medicina sanguinaria.*

Parece cousa incrivel que, sendo o materialismo huma opinião inteiramente religiosa, tal influencia tenha tido na pratica da medicina, que della se tenham derivado os maiores erros que, ha tantos seculos, tem feito da divina profissão do medico instrumento de desgraça, em vez de instrumento de consolação e allivio dos males da humanidade. E, contudo, ainda mal que assim he!

Por que fatalidade aquelles que mais razão deveriam ter para acreditar na realidade do mundo invisivel, tem sido precisamente os que com mais tenacidade recusam admittir a existencia das substancias immateriaes? Como isto se explique, não sei; o que sei he que Lalande e a maior parte dos physicos, Cabanis e a immensa maioria dos medicos tem sido materialistas. E contudo, os primeiros tinham diante dos olhos as maravilhas do firmamento, e os segundos ocupavam-se com o exame do corpo humano, onde o estructura de cada orgão está revelando a cada momento a existencia de huma causa altamente intelligente, e por consequencia immaterial.

Seja o que for, he certo que desta repugnancia dos medicos para admittirem a existencia das substancias espirituales resultou

que, em lugar de reflectirem (o que era tão obvio!) que o principio da vida era huma causa inteiramente immaterial,—que na regularidade da sua accão he que consistia a saude, e na irregularidade da mesma accão he que consistiam as molestias, quizeram antes admittir a imagem grosseira e sensual de diferentes matérias morbificas, de cuja existencia no corpo nasciam as molestias, e cuja eliminação era absolutamente necessaria para restituir a saude. Huns falaram de plethoras e superabundancias de sangue, e fizeram correr em jorros o liquido mais precioso que temos, e sem o qual he impossivel que haja vida; outros não viram por toda a parte seuão cumulos de bile, cumulos de atrabile, cumulos de saburras, e puxarão pelo *carro triumphal do antimonio* para porém tudo isto fóra do corpo; outros mais subtils, imaginaram a existencia de certos *virus*, a que deram o nome de syphilítico, escrophuloso, rachítico, cada hum delles dotado da propriedade de obrar como fermento sobre os humores, reproduzindo-se à custa delles, e ei-los formulando sabias preparações para porém fóra do corpo estes temíveis inimigos, já pela salivação (sialagogos), já pela expectoração (expectorantes) já pelas urinas (diureticos) já pelos suores (diaphoreticos) já por toda e qualquer parte por onde elles podessem sahir; outros finalmente attribuiram tudo a inspissações de humores, e à viscosidade dos líquidos, causas das obstruções das visceras e das glandulas e inundaram os seus doentes de aguas ar-

tificias, aguas naturaes, aguas em banhos, aguas em clysteres, aguas em embrocacões, aguas de todas as maneiras possiveis. Daqui resultaram os tres systemas de medicina mais geralmente seguidos: a medicina *sanguinaria*, a medicina *estercoaria*, a medicina *virulenta*. Daqui resultaram igualmente os tres methodos curativos immortalisados por Molière; *sangrare, purgare, clysterium donare*; e, em caso de necessidade, *resangrare, reclyste:isare, repurgare*.

E já se fossem estas sómente as *alienações* medicas que tem feito gemer a humanidade! Porém, desgraçadamente não he assim. Em toda a parte encontramos Broussaisianos que, não vendo em tudo senão phlegmasias nos cobrem de sanguesugas, ainda que já não tenhamos nem pinga de sangue no corpo Braunianos que, com a cabeça cheia de asthenias, nos mettem no corpo quanta quina tem as boticas, quantas tinturas de valeriana volatil, quantos elixires, quantos demonios o genio do charlatanismo pôde inventar nas suas mais felizes inspirações; contrastimulistas que, sem ceremonia nenhuma, nos receitam de huma assentada seis duzias de grãos de tartaro emetico, cem grãos de sulphato de quinina, oitenta grãos de opio, etc., etc.; chimicos, finalmente, que, vendo em doses cavallares dos mais poderosos venenos os mais efficazes remedios, nos mandam almoçar cicuta, jantar arsenico cevar sublimado corrosivo, á moda de Mithridates o Grande, rei do Ponto, que Deos tem.

Aqui sangra-se, ali purga-se, acolá vomita-se; este tonifica, aquelle debilita; hum prescreve banhos, outro receita causticos, e tudo para a mesma molestia, no mesmo paiz, e até na mesma cidade.

Que quer dizer tudo isto? Não he esta a prova mais completa de que a medicina vulgar não assenta sobre hum unico principio solido? Não he esta a *experientia fallax* tão sagazmente annunciada por Hippocrates? Em verdade vos digo que, dos douz diferentes ramos da arte de curar, não ha senão hum que tenha prestado verdadeiros serviços à humanidade, porque he o unico que assenta sobre principios solidos; a cirurgia:

e, por desgraça, he este o menos estimado, o tido por menos nobre, aquelle que na universidade de Coimbra ainda não foi elevado á categoria de sciencia!

Porém, deixemos todos estes systemas menos conhecidos, e que só apparecem por aqui e por ali entre as sumnidades medicas, e follemos dos tres de que mais acima se fez honrosa menção.

De todos os diferentes systemas de medicina que tem devastado o mundo, não ha nenhum que tenha tantos peccados ás costas como o sistema da medicina sanguinaria. Custa a crer até que ponto chegou hum dia (e hoje mesmo) o furor de derramar o sangue da gente. Hum medico conheci eu em Goes, tão desenganado sangrador, que, quando o chamavam para ir visitar algum doente, perguntava sempre: « Elle já se sangrou? »—« Não, senhor. »—« Pois então que se sangre, e eu de tarde lá o irei ver. » Parece-me que estou ouvindo o Dr. Sangrado, quando lhe deram parte da morte de hum dos seus doentes, que morrera na occasião em que lhe davam a terceira sangria: « He pena! (disse elle todo afflito). Se pôde levar quatro, estava salvo! »

Houve tempo em que a sangria era applicada como cosa tão ordinaria, que até se determinava, a titulo de meio hygienico, o numero de vezes que os homens fortes ou fracos, robustos ou cacheticos, moços ou velhos, se deviam sangrar para passarem bem. Hum dia, folheando eu as *Constituições Cistercienses*, (porque sou hum pouco trelto á estas antigas fradescas) encontrei nellas este notavel preceito: **FRATRES QUATER IN ANNO MINUANTUR: os Frades sejam sangrados quatro vezes no ann.**! E havemos de admirar-nos de que o famoso Bouvard, medico de Luiz XIII, fizesse tomar todos os annos ao seu augusto doente 215 vomitorios e purgantes, 312 clysteres e 47 sangrias? Pobre rei! Quem sabe se a tua fraqueza phisica e moral dependeu do sistema de medicina por que te curavam?

Nos tempos mais florescentes da *soit-diant* medicina physiologica, houve hum curioso que se lembrou de calcular o sangue derramado, sómente no hospital da miseri-

cordia (*Hotel Dieu*) de Paris, durante o espaço de hum anno: achou duzentas mil libras de sangue, não fallando em seis milhares de sanguesugas que, durante o mesmo tempo, se consumiram em todos os hospitais da capital. Se tivessem empregado todo este sangue em estrumar as terras, teria ao menos o povo recebido pela boca huma parte da substancia que se lhe tirava pelas veias; porque, segundo os calculos dos melhores agronomos, huma libra de sangue, empregada como estrume, equivale a 72 libras do melhor esterco.

E, porém, poucos systemas assentam sobre argumentos tão especiosos e tentadores como este da medicina sanguinaria. Apparecem às vezes symptomas em apparencia tão evidentes de real e verdadeira exuberancia de sangue! Vê-se às vezes o allivio do doente (digo allivio e não cura) seguir-se com tanta rapidez á applicação de huma sangria em hum pleuriz, ou n'hum ameaço de congestão cerebral! Occorreem às vezes na pratica outros phenomenos tão enganadores, que he preciso estar bem firme nos principios da theoria de Hahnemann para ver que tudo isto não são senão consequencias naturaes da desharmonia (*immaterial*) das forças vitaes, resultidos da irregularidade da ação do principio (*immaterial*) da nossa vida.

Todavia, tal he a força da evidencia e da verdade, que qualquer medico dotado do talento de observar teria podido mui facilmente reconhecer quanto existe de mentiroso em todas estas phantasmagorias da plethora, se, sem outro auxilio que a linguagem dos symptomas, tivesse sabido interpretar a natureza.

E se não, digam-me: Qual he aquelle medico tão pouco pratico que não tem visto huma febre a mais francamente inflammatoria desapparecer, como por encanto, depois da sahida de poucas gottas de sangue pelo nariz? Pois que! Meia ouça ou huma onça de liquido que he tudo aquillo em que as vezes consiste huma destas crises, seria bastante para dissipar a enorme quantidade de sangue accusada pela plenitude e força do pulso, pela scintillação dos olhos, pela

turgescencia das faces, se ella fosse real?! Qual he o medico que não tem visto o accesso mais decisivo de gotta inflammatoria, depois de ter resistido com huma tenacidade que espanta a sangrias, sangrias e mais sangrias, dissipar-se n'hum só noite depois do apparecimento de algumas libras de urina cheia de seimento? Pois que! Huma ou duas oitavas de materia sedimentosa, em que não ha hum só atomo de sangue, seriam bastantes para fazer o que com tantas sangrias se não obteve, se a plethora fosse real?! Qual he o medico que não tem visto, em hum accesso de febre intermitente, o pulso pequenissimo e concentrado durante o frio, a face pallida, os dedos menos volumosos a ponto de deixarem cahir os aneis, e logo depois, durante o periodo do calor, o pulso cheio, a face turgida e todos os outros symptomas de plethora até que, passado de todo o paroxismo, tudo torna a cahir no mesmo estado anterior? Pois que! Teremos também alguma plethora de tarracha, ou plethora de pôr e tirar, que faça andar a missa do sangue em contradança para que agora entre nos vasos sanguineos, daqui a pouco se retire sem se saber para onde, e logo torne a entrar nelles?! Qual he o medico que em alguns pleurizes endiabrados não tem visto o pulso fazer-se mais cheio, mais duro, mais forte, precisamente na mesma proporção em que se repe a sangria, até que finalmente o doente expira debixio da lanceta? Pois que! Dizemos que a missa do sangue aumenta nos vasos na mesma medida em que a sua quantidade se diminue pela sangria??

Tudo isto se poderia ter offerecido espontaneamente à consideração dos medicos observadores, *si mens non lava fuisse*; porém hoje ji não pôde haver desculpa nenhuma para acreditar em semelhantes exuberancias de sangue, depois que o meu ilustre amigo J. J. Barbosa (lente de physica na universidade de Coimbra) offereceu, em 1840, á academia de medicina de Paris huma bella memoria para demonstrar que todas estas supostas plethoras, que tão verdadeiras nos parecem, não procedem de outra causa senão de huma verdadeira reflexão

do sangue contido nos vasos, a qual se vai augmentando á proporção que se vai fazendo sahir o sangue pela lanceta; e tanto, que quando se abrem os cadáveres destes individuos que tantos symptomas plethoricos apresentavam, apezar da repetição da sangria, acham-se os vasos exinanidos e quasi sem huma gotta de sangue.

Porém cortemos por huma vez este nó gordio com a espada de Alexandre. Venha hum desses pleurizes mais violentos com todos esses terríveis symptomas que os acompanham. Que faz a heteropathia? Tira pipas de sangue ao doente, inunda-o de cozimentos peitoraes, e cobre-o de causticos. Talvez o doente sara; mas fica sempre n'hum estado de fraqueza e cachexia que por muitos mezes o não deixa ser senhor de si e talvez com hum relojo no peito, reliquia miseravej e eterna da molestia de que disseram que o curaram. Que faz agora a homeopathia? Dá ao doente huma, poucas vezes duas, rassisimas vezes tres dozes de aconito, cada huma das quaes contém a *trillionesima* parte de hum grão de substancia medicinal, e dentro de 2<sup>4</sup> horas, *ad summum*, não existe mais pleuriz, nem consequencia nenhuma delle. Não ha convalescência; a molestia ficou imediatamente transformada em saude e o ex-doente vai tratar da sua vida. Que ha feito da plethora? Para onde foi ella? Por que milagre, sem huma unica sangria e só com duas *nihilidades* de aconito desapareceu toda esta exuberancia de sangue que a heteropathia mandava destruir com a lanceta!

Senhores heteropathicos, confessai que não ha senão dois caminhos por onde possais sahir desse estreito: ou haveis de negar o facto, que ha o mesmo que confessardes-vos vencidos, porque a experiençia, se a fizerdes, vos desmentirá; ou haveis de confessar que semelhante plethora era mentirosa, e que todo esse apparato morboso quo a indicava, nada mais ha do que o resultado da acção irregular do principio vital, a qual se transformou de repente em estado normal pela impressão produzida por aquella *nihilidade* do aconito.

Eis-aqui a verdade a respeito do objecto de que se trata. Não existe hum só caso de molestia em que a massa do sangue seja maior do que deve ser: o que pode verificar-se ha que essa massa esteja mal distribuida, accumu-

lando-se grande porção em huma parte, e abandonando as outras; ora, em todos estes casos de que se trata ha de restituir o equilibrio que se perdeu.

E basta de medicina sanguinaria; em outro artigo fallarei da medicina estercoraria e da medicina aquaria e virulenta.

#### O MATERIALISMO EM MEDICINA.

#### ARTIGO II.

##### *A medicina estercoraria.*

A medicina sanguinaria ha absurdia, a medicina virulenta ha subtil, a medicina estercoraria ha ridicula. Não ha cousa tão curiosa no mundo como ver hum dos medicos estercorarios da nossa época examinando hum dos seus doentes e receitando-lhe. O exame do doente ha feito em dous minutos. Toma-lhe o pulso *pro forma*, examina-lhe a lingua, que acha sempre saburrosa, pergunta-lhe se obra e se tem amargos de bocca, e diz-lhe: « Toda a sua molestia depende de saburras no estomago, e nos intestinos. Ha hum formidavel embaraço gastrico e intestinal que Vm. padece, e de que eu vou imediatamente livral-o. » *Recipe*; dous vomitorios, outros tantos purgantes, e clysteres *ad libitum*. O' Molière!

E o doente vomita e obra, e padece ancas mortaes; e no dia seguinte a lingua está mais saburrosa, a constipação do ventre ha maior, e todos os mais symptomas cresceram, desenvolvendo-se outros de novo. Então o medico estercorario entrincheira-se na expectativa, e receita cosimentos de grama e outros diluentes *para acabar de limpar os intestinos*, prescrevendo ao mesmo tempo rigorosa dieta. Era a unica cousa de que o doente precisava. Se o mal feito pelos vomitorios e outros evacuantes não ha grande, a natureza aproveita-se do armsticio, e livra-se ao mesmo tempo do medico e da molestia; se não, desenvolve-se huma irritação de estomago, huma febre gastrica, ou outra mais ou menos apparatosa, e abi vem as bichas, as altheas, os sinapismos, os causticos, ate que a molestia se cura, ou o doente morre. No primeiro caso, diz o estercorario todo inchado: « *De boa molestia o livrei!* » (e era a molestia que elle lhe fez): no segundo, appella-se para hum typho, para huma febre perniciosa, e, quando Deos quer, para huma rotura do estomago, como eu tenho muitas vezes ouvido com estes ouvidos peccadores. (Continua).